



**CONGRESO INTERNACIONAL**

**CONTESTED\_CITIES**

**Stream 5**

**Article nº 5-540**

**CARTOGRAFIA INDISCIPLINAR DO CONFLITO DA  
IZIDORA EM BELO HORIZONTE**

**JULIA ÁVILA FRANZONI  
DANIELA FARIA  
NATACHA RENA**

# CARTOGRAFIA INDISCIPLINAR DO CONFLITO DA IZIDORA EM BELO HORIZONTE

Julia Ávila Franzoni

Grupo de pesquisa Indisciplinar, UFMG

[juliafranzoni@gmail.com](mailto:juliafranzoni@gmail.com)

Daniela Faria

Grupo de pesquisa Indisciplinar, UFMG

[ddanielafaria@gmail.com](mailto:ddanielafaria@gmail.com)

Natacha Rena

Grupo de pesquisa Indisciplinar, UFMG

[natacharena@gmail.com](mailto:natacharena@gmail.com)

## RESUMO

Como objetivo principal, este texto traz elementos para o debate sobre justiça espacial envolvendo conflitos de extrema complexidade jurídica e política como a luta territorial da região da Izidora em Belo Horizonte. Com enfoque voltado ao enfretamento dos temas áridos que se escondem na linguagem técnica e inacessível dos instrumentos urbanísticos negociais, o recorte do trabalho está voltado para os limites e as potencialidades do método de investigação, mobilização e denúncia desenvolvido pelo Grupo Indisciplinar nesse conflito territorial. Parte-se da apresentação do método cartográfico do Grupo e de sua contextualização como pesquisa engajada, para posterior problematização do caminho de investigação a partir dos seguintes questionamentos: (i) quais os principais dispositivos cartográficos de atuação do Grupo frente à luta territorial, que somam às ações de resistência, nos diferentes tempos e espaços do conflito? Quais os possíveis impactos dessa atuação do Indisciplinar no conflito da Izidora? Como as ações do grupo, que envolvem ao mesmo tempo ensino, pesquisa e extensão, acontecem junto às ações de outros parceiros ao longo desse processo de resistência criativa, protagonizado por diversos atores numa rede ampla de luta pela justiça espacial? Partindo dessa abordagem, busca-se enfrentar o papel que esse método de pesquisa teve para ressignificar o conflito para além da oposição posse e propriedade, situando-o no debate em torno dos múltiplos agenciamentos da produção da cidade. Esse processo será feito a partir da discussão das diferentes tecnologias criadas pelo Grupo, ora compreendidas como táticas nodulares, ora como estratégias enredadas, usando, em diferentes formatos, tempos, espaços e escalas a combinação de ações de rua e de rede, como ferramentas tecnopolíticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** urbanismo neoliberal, lutas territoriais, cartografia, justiça especial, insurgência.

## 1 ACADEMIA SITUADA

### 1.1 O sítio da investigação – a pesquisa ativista

Este trabalho irá analisar aspectos do método de pesquisa cartográfica do Grupo Indisciplinar<sup>1</sup>, tendo como ponto de partida o conflito socioterritorial da região da Izidora, na cidade de Belo Horizonte. Nesse território, ocupações urbanas de moradia enfrentam Grandes Projetos Urbanos que, por sua vez, se legitimam a reboque de sofisticadas técnicas jurídicas para privatizar a terra. Trata-se, no caso, de um dos conflitos espaciais mais emblemáticos do Brasil e da América Latina, em que direitos e bens comuns são ameaçados pelas estratégias de parceria do Estado com o capital e, ao mesmo tempo, táticas e estratégias de resistência e insurgência se constroem colaborativamente a partir da rede Resiste Izidora<sup>2</sup>, da qual o Indisciplinar é integrante.

O Grupo Indisciplinar atua como colaborador da Resiste Izidora – se posicionando como mais um ator da rede – desde o início do conflito territorial, datado da primeira ameaça de despejo das ocupações populares de moradia Rosa Leão, Esperança e Vitória, em 2014. O enfoque da atuação colaborativa dava-se, sobretudo, por meio da atuação do Indisciplinar no grupo de trabalho de comunicação da rede de resistência, ajudando a criar e fomentar campanhas de comunicação e mobilização na rede para reforçar ações de proteção do território, como as vigílias noturnas, as atividades culturais e os atos de rua. Nesse momento, a ameaça de desocupação forçada foi combatida por meio de uma combinação tática de ações de rua e de rede que, chamando a atenção para os direitos das crianças, adolescentes e idosos no território, sensibilizaram a atuação do Ministério Público e, dessa forma, conseguiram decisão jurisdicional determinando a suspensão provisória da ordem de despejo. A retomada do momento de perigo, ante a revogação da decisão jurisdicional favorável, deu-se num renovado contexto político regional, tendo em vista a vitória do Partido dos Trabalhadores (PT) para o governo estadual (final de 2014) e a instituição, em cumprimento a promessa de campanha junto aos movimentos sociais, de uma Mesa Permanente de Negociação de Conflitos Fundiários (início de 2015). Nessa nova conjuntura, o Indisciplinar ampliou seu âmbito de atuação na rede Resiste Izidora, passando a colaborar, para além das ações de mídia e comunicação, nos espaços institucionais de negociação do conflito e contribuindo para ampliação dos temas de denúncia técnica, envolvendo a perversão dos usos de instrumentos urbanísticos no território.

---

<sup>1</sup> O Indisciplinar é um grupo de pesquisa vinculado ao CNPQ (<http://blog.indisciplinar.com/>), sediado na Escola de Arquitetura da UFMG, que tem suas ações focadas na produção contemporânea do espaço, considerada a importância da produção biopolítica nas metrópoles e os processos de globalização. As atividades do Indisciplinar imbricam teoria e prática e compreendem processos de articulação cotidiana com diversos atores que constituem a produção do espaço nas metrópoles como: Movimentos Sociais, Ambientais e Culturais; Grupos de Pesquisa e Extensão; Ministério Público; Defensoria Pública; Poderes Legislativo e Executivo, Grupos de Pesquisa, dentre outros. As frentes de ação do grupo envolvem tanto processos destituíntes contra o urbanismo neoliberal em suas muitas dimensões expropriadoras do patrimônio público, quanto em processos constituíntes/instituíntes de novos espaços engendrados pela coletividade, autonomia cidadã em defesa do bem comum (material e imaterial), em uma abordagem transversal e indisciplinar. Diversas pesquisas estão associadas ao grupo, sejam elas de monografia, mestrado e doutorado, sejam elas aprovadas pelo PRPq - UFMG ou pelas Agências de fomento à pesquisa (Capes e CNPq) e Ministérios (Minc). O grupo é formado por mais de 40 professores, pesquisadores, alunos de graduação e pós-graduação, ativistas de movimentos sociais, culturais e ambientais, oriundos de diversos campos do conhecimento. Atualmente o grupo desenvolve parcerias com diversos grupos e instituições de pesquisa, dentre eles: o LabCidade da USP - SP, o Etern - UFRJ - RJ, o Labic - UFES - Vitória, o MediaLab UFRJ - RJ, o CSIC - Consejo Superior de Investigación Científica de Madrid e o FabLab Sevilla - Universidad de Sevilla

<sup>2</sup> A rede Resiste Izidora é composta por um conjunto móvel de apoiadores da resistência das três ocupações populares de moradia na região, Rosa Leão, Vitória e Esperança, compondo integrantes como representantes de movimentos sociais, grupos acadêmicos, organizações da sociedade civil, estudantes universitários, moradores de outras ocupações de moradia, dentre outros. A rede possui fanpage no facebook para maior detalhe: <https://www.facebook.com/resisteizidora/?fref=ts>

O formato de ação do Grupo junto à rede Resiste Izidora variou conforme as exigências do tempo do conflito, sobretudo tendo em vista a imediatividade das ameaças, e ainda, conforme o espaço de atuação – espaço estatal, espaço público e espaço da rede. Essa variabilidade de formatos de ação, ligada à natureza conflituosa e complexa do tema investigado, integra o conjunto de dispositivos que o Indisciplinar tem desenvolvido para trabalhar com pesquisas militantes e engajadas no bojo do seu projeto Cartografias Emergentes, que serão objeto de debate neste trabalho. A pesquisa sobre o caso da Izidora integra, ainda, investigações de doutorado e iniciação científica, desenvolvidas por método colaborativo entre as pesquisadoras e autoras deste artigo.<sup>3</sup>

Como objetivo principal, este texto traz elementos para o debate sobre justiça espacial envolvendo conflitos de extrema complexidade jurídica e política como o da Izidora. Com enfoque voltado ao enfretamento dos temas áridos que se escondem na linguagem técnica e inacessível dos instrumentos urbanísticos negociais, o recorte do trabalho está voltado para os limites e as potencialidades do método de investigação, mobilização e denúncia desenvolvido pelo Grupo Indisciplinar no caso do conflito territorial da Izidora.

A cartografia, utilizada como método de investigação que possibilita a articulação em rede de diversos atores envolvidos nas lutas urbanas em prol ao direito à cidade, vem se configurando fundamental para que o Grupo acadêmico possa produzir conhecimento na e por meio das controvérsias gerados na disputa territorial. Entende-se cartografia aqui como um método de investigação que não pretende apenas mapear geograficamente os processos de disputas territoriais, mas também, construir novos mundos na medida em que se investiga. Nesse processo, não há separação exata entre o sujeito investigador e o objeto investigado e a produção do conhecimento ocorre em rede e maneira horizontal, envolvendo diversos atores das lutas nas dinâmicas de pesquisa e de ação.

Nesse contexto em que o método cartográfico perfaz a ação da pesquisa engajada, este trabalho busca apresentar e problematizar o caminho de investigação do Grupo Indisciplinar a partir dos seguintes questionamentos: (i) quais os principais dispositivos cartográficos de atuação do Grupo frente à luta territorial, que somam às ações de resistência, nos diferentes tempos e espaços do conflito? Quais os possíveis impactos dessa atuação do Indisciplinar no conflito da Izidora? Como as ações do grupo, que envolvem ao mesmo tempo ensino, pesquisa e extensão, acontecem junto às ações de outros parceiros ao longo desse processo de resistência criativa, protagonizado por diversos atores numa rede ampla de luta pela justiça espacial? Partindo dessa abordagem, busca-se problematizar o papel que esse método de pesquisa teve para ressignificar o conflito para além da oposição posse e propriedade, situando-o no debate em torno dos múltiplos agenciamentos da produção da cidade.

Como resultados esperados, este trabalho pretende apresentar (i) as discussões, (ii) os materiais e (iii) os desafios do processo cartográfico desenvolvido pelo Indisciplinar e sua repercussão para elucidação dos múltiplos aspectos atinentes ao conflito da Izidora e seu impacto como ferramenta, ainda que limitada, de incidência técnica e política em prol das insurgências.

---

<sup>3</sup> A pesquisa de doutorado vem sendo desenvolvida por Julia Ávila Franzoni, na Faculdade de Direito da UFMG, sendo co-orientada pela Profa Dra Natacha Rena. Esse trabalho é produzido de forma colaborativa com a pesquisadora Daniela Faria, estudante de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFMG, que soma suas atividades de investigação no Indisciplinar aos seus trabalhos de iniciação científica.

## 1.2 O sítio do território – Izidora em disputa<sup>4</sup>

A região do Isidoro<sup>5</sup>, localizada no vetor norte do município de Belo Horizonte, é alvo de emblemática disputa entre a apropriação do território pelo Estado e pelo mercado imobiliário, e outras formas de produção do espaço, realizadas por comunidades tradicionais ligadas ao quilombo remanescente na área e as ocupações urbanas de moradia, Rosa Leão, Esperança e Vitória. Mediante a perversão de instrumentos jurídico-urbanísticos, alavancada pelo mau uso do mecanismo da Operação Urbana (espécie de parceria público-privada envolvendo a flexibilização de índices e parâmetros urbanos), evidencia-se um processo de construção de um gueto de pobres no local, garantido e custeado pelo poder público. O projeto urbanístico para a região envolve a combinação de instrumentos de política urbana para promover a urbanização da área, hoje sem qualquer infraestrutura técnica e social, com a implementação de milhares de moradias sociais por meio do Programa Minha Casa Minha Vida, e a futura instalação de novas famílias removidas pelas obras de ampliação do Anel Rodoviário de Belo Horizonte.

A retomada do território do Isidoro por meio desse projeto urbanístico que envolve Estado e mercado numa parceria bilionária, busca a realização de grandes obras e de grandes projetos urbanos que, associados à manipulação perversa de instrumentos legais de política urbana (i) violam direitos de milhares de famílias que ocuparam a área para fins de moradia, atualmente ameaçadas de despejo; (ii) ameaçam a manutenção de comunidade quilombola remanescente na região e (iii) arriscam a preservação de uma das maiores áreas verdes urbanas do mundo.

A área do Isidoro tem cerca de 10 milhões de m<sup>2</sup> e está localizado no vetor norte do Município de Belo Horizonte, em área limítrofe ao Município de Santa Luzia. Esse vetor de expansão urbana da cidade, tradicionalmente ocupado por população de baixa e média renda, foi alvo de diversos investimentos realizados pelo Poder Público nos últimos anos, com o intuito de alavancar projetos estratégicos, que impulsionaram sua expansão e valorização, tais como (i) a obra viária da Linha Verde; (ii) a implantação da Cidade Administrativa do Governo do Estado de Minas Gerais e (iii) a reforma do Aeroporto Industrial de Confins.<sup>6</sup>

O conflito socioterritorial no Isidoro é também uma disputa pela apropriação da natureza. A região é emblemática do ponto de vista ambiental, pois abriga vultosa extensão de área verde preservada, formando um ecótono de cerrado com mata atlântica, contendo cerca de 280 nascentes de água, 64 córregos, incluindo o Córrego dos Macacos, último curso de água limpa da capital mineira. A rede hídrica da região liga o Córrego do Isidoro ao Ribeirão do Onça, que irá abastecer e integrar a Bacia do Rio das Velhas, uma das principais fontes de

---

<sup>4</sup> Esse item do texto, referente à contextualização da disputa territorial na Izidora, foi amplamente desenvolvido pelas autoras em outro artigo apresentado no VIII Congresso Brasileiro De Direito Urbanístico, denominado *O Financiamento Público Da Gnetização Social na região do Isidoro em Belo Horizonte: a perversão dos Instrumentos Urbanísticos da Operação Urbana e do Parcelamento Do Solo*, que ainda aguarda publicação nos Anais do evento. O tema também encontra-se descrito e ilustrado na página sobre o conflito da Izidora no blog do Indisciplinar sobre Operações Urbanas: [http://oucjh.indisciplinar.com/?page\\_id=696](http://oucjh.indisciplinar.com/?page_id=696)

<sup>5</sup> Para demarcar a estética e as atuações performáticas que envolvem a resistência da Izidora, há que se esclarecer aqui o uso do masculino e feminino. Em todas as normativas e diretivas estatais, bem como os atos envolvendo as empresas que tem negócios no território, a região aparece denominada como Isidoro. Em contrapartida, resgatando a memória velada da comunidade quilombola presente na região, a rede de resistência refere-se ao território como Izidora, fazendo referência à mulher quilombola presente das histórias contadas pelos moradores.

<sup>6</sup> Sobre a produção do espaço na região metropolitana de Belo Horizonte e a expansão do vetor norte através da implementação das condições de produção pelo Estado ver: COSTA, G.; MAGALHÃES, F. (2011). “Processos socioespaciais nas metrópoles de países de industrialização periférica: reflexões sobre a produção do espaço metropolitano de Belo Horizonte”, Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* v. 13, n. 1, p. 9-25.

abastecimento de água de Belo Horizonte.

O quilombo Mangueiras, localizado no coração da área do Isidoro, é território tradicional que atravessa processos de reconhecimento público de titulação. Essa área será impactada pelos principais empreendimentos contidos na Operação Urbana, o projeto habitacional “Granja Werneck” que prevê a construção de cerca de 11 mil unidades de moradia social, por meio do Programa Minha Casa Minha Vida<sup>7</sup>, e a construção da “via 540”, obra viária que atravessará a região do Isidoro no sentido leste-oeste.<sup>8</sup>

Não bastasse o cenário correspondente às virtualidades espaciais do Isidoro, a região abriga processos alternativos de ocupação, associando pessoas que fugiam do elevado preço dos aluguéis e de condições de vida degradantes, aos movimentos sociais populares que, em oposição ao modelo hegemônico de urbanização, autoconstróem moradias e produzem, informalmente, cidade<sup>9</sup>. Em maio de 2013, por meio de um movimento espontâneo de tomada do território, tem-se o início da Ocupação Rosa Leão, na região do Isidoro. Em menos de um mês, em junho de 2013, despontam-se outras duas ocupações, Vitória e Esperança<sup>10</sup>.

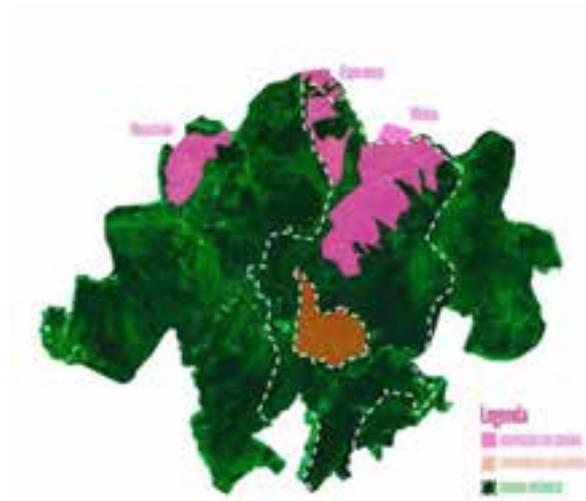
---

<sup>7</sup> No final de novembro de 2013, o Poder Público municipal realizou contrato com empresa de engenharia Direcional S/A para implementação desse gigantesco projeto habitacional na área.

<sup>8</sup> A existência de território quilombola na região configurou-se como principal fato a possibilitar a disputa da tipologia de projeto de urbanização a ser implementado na área. Com a finalidade de garantir a sua preservação, o Ministério Público Federal (MPF), em 2010, abriu inquérito civil para verificar os impactos dos projetos habitacionais e de mobilidade destinados à região pela Lei Municipal 9.959/10. O MPF, ainda, por intermédio da Ação Civil Pública nº 006.3658-88.2014.4.01.3800, questionou, resumidamente, a) a ausência de destinação social do empreendimento habitacional previsto e b) a situação da comunidade remanescente do Quilombo Mangueiras face às intervenções urbanas planejadas para a área. Essa intervenção ministerial culminou em Termo de Ajuste de Conduta (TAC) que determinou ser de responsabilidade dos empreendedores garantirem a sustentabilidade do território quilombola. Nesse contexto, a intervenção do *parquet* também proporcionou a revisão da lei de 2010, ao questionar a inexistência de destinação social do empreendimento habitacional previsto. Para informações mais detalhadas acesse: [oucqh.indisciplinar.com](http://oucqh.indisciplinar.com)

<sup>9</sup> Aqui está representado o icônico processo de urbanização das cidades periféricas marcado pela autoconstrução da cidade pelos trabalhadores, cujos salários não contemplam valor suficiente para custear a moradia. A expressão “urbanização periférica ou de baixos salários” é de Francisco Oliveira, que trabalha o modelo de desenvolvimento industrial no Brasil sustentando a tese dos baixos-salários e da adaptação do precário ao moderno – tal qual na urbanização – a serviço da acumulação do capital e causadora da estrutural desigualdade e concentração de renda. In: OLIVEIRA, F (2008). *A economia brasileira: crítica da razão dualista e o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo. A terminologia também é adotada por Ermínia Maricato ao descrever o processo de autoconstrução de cidade e moradia pelos trabalhadores: “Ao deixar para os ombros dos trabalhadores o custo de sua própria reprodução na cidade por meio da autoconstrução das casas e ocupações irregulares do solo, esse modelo de urbanização teve como consequência a manutenção de um mercado residencial restrito e desigual”. MARICATO, E. (2011). *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p. 119.

<sup>10</sup> As ocupações são alvo de 4 (quatro) Ações de Reintegração de Posse, com ameaça iminente de despejo. 1) Ação de Reintegração de Posse nº 2427246-06.2013.8.13.0024, distribuída em 24/07/13 e proposta pelo Município de Belo Horizonte. 2) Ação de Reintegração de Posse nº 2978891-13.2013.8.13.0024, distribuída 30/07/13 e proposta por Paulo Henrique Lara Rocha e outros. 3) Ação de Reintegração de Posse nº 3042606-29.2013.8.13.0024, distribuída em 08/08/13 e proposta pela Granja Werneck S/A. 4) Ação de Reintegração de Posse nº 3135046-44.2013.8.13.0024, distribuída em 03/09/13 e proposta por Ângela Maia Furquim Werneck.



**Figura 01:** Mapa das Ocupações da Região do Izidora.  
**Fonte:** [http://oucbh.indisciplinar.com/?page\\_id=861](http://oucbh.indisciplinar.com/?page_id=861).<sup>11</sup>

Não por acaso, o fortalecimento desse processo de ocupação se dá num período de alta intensidade política nas grandes cidades brasileiras, as jornadas de junho de 2013. Esses longos dias de ebulição social, conectados a resistências globais ao capitalismo urbano, colocaram a cidade capitalista e os sujeitos de sua produção em cheque, mediante performances, ações e movimentos ao mesmo tempo destituíntes, como a luta contra o aumento das passagens de ônibus e constituintes de outra racionalidade, como a conformação de redes de apoio e afeto aos variados processos de resistência social, como as ocupações urbanas de moradia.<sup>12</sup>

Após quase um século de abandono pelos Poderes Públicos e proprietários de terra – o Município doou grande parte da área para família Werneck em 1914 e o primeiro projeto urbanístico para região é de 2001 –, a retomada desse território pelo mercado e pelo Estado à reboque de um grande projeto urbano negocial, se desenvolve à revelia dos processos de apropriação e produção do espaço que ali se constituem como resistência à mercantilização da vida nas grandes cidades.

A região do Isidoro representa um microcosmo da cidade biopolítica<sup>13</sup>, abrigando diferentes conflitos pela produção do espaço, em que Estado e mercado parceiros de práticas expropriatórias dos bens comuns e das atividades colaborativas populares, experimentam resistências destituíntes das arbitrariedades jurídico-políticas e insurgências criativas e em rede mobilizam diferentes agentes na luta contra o urbanismo neoliberal, reafirmando as dimensões positivas das ocupações do Isidoro, Rosa Leão, Vitória e Esperança.

## 2. CARTOGRAFIA INDISCIPLINAR NA IZIDORA: NÓS ENTRE TRAMAS

<sup>11</sup> Este mapa é uma versão aproximada da situação real e foi desenvolvido no bojo das práticas cartográficas dos pesquisadores do Grupo Indisciplinar.

<sup>12</sup> Especificamente sobre as jornadas de junho na cidade de Belo Horizonte e os enredos biopotentes das insurgências urbanas, ver trabalho das pesquisadoras do Indisciplinar: RENA, N.; BERQUÓ, P.; CHAGAS, F. (2014). “Biopolíticas espaciais gentrificadoras e as resistências estéticas biopotentes”. *Lugar Comum* (UFRJ), v. 1, p. 71-88.

<sup>13</sup> Sobre a metrópole como a nova fábrica, ver Negri (2002) e Rena (2014).

A atuação do Grupo Indisciplinar no conflito socioterritorial da Izidora é uma frente de ação incorporada ao projeto Cartografias Emergentes, composto por mais cinco ações ativistas de investigação e pesquisa. Todas essas frentes correspondem a casos emblemáticos de lutas territoriais envolvendo Grandes Projetos de parceria público-privada e movimentos de resistências e insurgências populares na cidade de Belo Horizonte, junto às quais os pesquisadores do Grupo atuam, em maior ou menor grau, como colaboradores e militantes. A linha comum que atravessa as ações do Grupo nessas frentes é a cojunção de atividades de rua – incidência, denúncia e mobilização social/política/técnica/jurídica – e de rede – ações de mídia e comunicação, tradução gráfica de temas complexos (memes, diagramas, textos ilustrados e linhas do tempo), produção de blogs, fanpages e mapeamento dos casos na Plataforma do Urbanismo Biopolítico<sup>14</sup>.

A partir desse alinhamento entre ações de rua e de rede, costurando linhas que fazem e refazem tramas e nós, é possível discutir o *procedimento tecnopolítico*<sup>15</sup> de atuação do Indisciplinar, seus usos táticos e estratégicos de dispositivos que, em cada caso, fazem/criam/inventam as *práticas cartográficas* do Grupo. Dessa forma, ainda que sobre o método cartográfico indisciplinar possa se discutir e apresentar procedimentos, ferramentas e ações que se cruzam, se atravessam e se fundem – atividades comuns –, existem tantas cartografias indisciplinadas, quanto lutas territoriais vivenciadas pelo Grupo. A cartografia da Izidora é uma delas. Essa multiplicidade de processos, contudo, não nos impede de demarcar/posicionar nosso lugar teórico quanto ao método cartográfico e ao procedimento tecnopolítico já que ambos surgem desde a prática cotidiana e vem sendo inventado coletivamente e colaborativamente, exigindo que trabalhemos em tempo real e que nos organizemos no dia-a-dia utilizando para além dos diversos encontros presenciais semanais, as mídias digitais e as redes sociais.

O Indisciplinar realiza pesquisa situada e em rede, isto é, seus pesquisadores investigam, interagem e atuam junto a pessoas, grupos e processos de disputa na e pela produção do espaço urbano a partir de problemas radicais do cotidiano associados aos diferentes modos de produção e reprodução da vida no território, de forma bastante diferente do modo convencional de assessoria técnica adotado pela maioria dos grupos de pesquisa acadêmicos envolvendo arquitetura e urbanismo, que funcionam quase como um escritório que atenda a

---

<sup>14</sup> A cartografia da Izidora é um *case* emblemático de atuação do Grupo dentro do projeto maior de construção de uma plataforma de mapeamento denominada Urbanismo Biopolítico (<http://plataformaurbanismobiopolitico.indisciplinar.com>). Essa plataforma diz respeito à investigação tanto dos projetos estratégicos do Urbanismo Neoliberal, quanto das insurgências criativas que a eles se opõem nas cidades, às quais o Grupo denomina de Urbanismo Biopotente. A Plataforma Urbanismo Biopolítico é um espaço de atuação tecnológica que utiliza intensivamente algumas ferramentas digitais que possibilitam um processo de trabalho em rede que explora de maneira tática e estratégica uma série de dispositivos tecnopolíticos (conectando territórios urbanos a redes sociais digitais) para a produção de conhecimento de maneira coletiva e colaborativa (mapas georreferenciados digitais, páginas wiki, produção de linhas do tempo, blogs, redes sociais, etc.). O crowdmap é composto com um questionário que busca rastrear informações plurais como os diferentes atores, custos, investimentos, atos normativos e instituições envolvidos em cada caso (GPU) mapeado através do aplicativo, que possibilita a geração de uma tabela excel que permite exportar os dados para outras plataformas e mapas, assim como, organizar dados de acordo com interesses da investigação a cada momento.

<sup>15</sup> Para Javier Toret, pesquisador-ativista do 15M, vinculado ao IN3 de Barcelona, parceiro do Indisciplinar na rede recém-criada “Tecnopolíticas: territórios urbanos e redes digitais”, tecnopolítica é “o uso tático e estratégico de dispositivos tecnológicos para a organização, comunicação e ação coletiva das “multitudes inteligentes”, “novos movimentos sociais” ou “movimentos sociais em rede”. Práticas coletivas que podem acontecer a partir da internet, mas que não acabam nela. Se manifestam como uma tomada do espaço público físico, digital e midiático capaz de orientar ações distribuídas tanto nas redes digitais como na cidade. As redes não têm servido unicamente para construir ou coordenar a ação coletiva, mas também para criar o sentido da própria ação e criar um impulso transformativo em diferentes grupos e setores sociais.”. TORET, J. (2015). @DATAANALISYS15M. “Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas”. *El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. IN3 Working Paper Series. Disponível em: <<http://in3wps.uoc.edu/index.php/in3-working-paper-series/article/view/1878>>. Acesso em: 10 Maio

demandas específicas das comunidades ou movimentos sociais.

Dessa forma, a investigação é ação engajada, pesquisa comprometida e militante, que escapa – ou pretende escapar – às armadilhas conceituais abstratas e geograficamente alienadas do método científico positivista em que há – ou ao menos se defende ter – a separação entre o sujeito pesquisador e o objeto de estudo. Evidentemente, o paradigma de saber tradicional, fundado num eixo vertical de compreensão do conhecimento, está intimamente associado ao amplamente combatido individualismo metodológico, amparo científico da teoria da ação racional, do neo-institucionalismo, do utilitarismo e da teoria dos direitos de propriedade. O sujeito pesquisador, nesses casos, é o *homo oeconomicus* travestido de cientista imparcial e, o processo do conhecimento, amparo aos avanços neoliberais no espaço cognitivo.

Nossa aposta, declaramos, é o oposto. Claro, sejamos francos, os desafios são muitos e, tampouco, essa aposta é isenta de contradições e, como tudo que é novo, gera controvérsias cotidianas. Contudo, a assunção prévia da hibridação entre sujeito e objeto nos permite lidar, sem rodeios, com os novos problemas que não cessam de surgir na prática investigativa e, para eles, inventar novas soluções. Aqui, não há metas *a priori*, ou hipóteses a serem comprovadas; ao contrário, à contrapelo do saber hegemônico, o que interessa é o próprio caminho, acompanhar as experiências, as ações performativas, os movimentos e seus processos. O método não é, portanto, algo auxiliar à atividade de produção do conhecimento, ou um suporte procedimental-guia para testar hipóteses e se alcançar resultados comprováveis. Ao método interessa a própria senda; numa clara profanação à ideia de metá-Hódos, a arma conceitual é Hódos-metá.<sup>16</sup>

A partir das ações de investigação do Grupo, portanto, o método cartográfico indisciplinar vem sendo uma ferramenta/arma de produção de conhecimento e interação com o real, recriando acontecimentos, fenômenos e movimentos por meio de procedimentos continuamente debatidos e repensados coletivamente. A cartografia como máquina, como quer Guattari,<sup>17</sup> que gesta e compõem elementos plurais, singulares, irrepetíveis e heterogêneos, como as ações sociais, políticas, culturais, econômicas, tecnológicas e mentais, e que pode representar e recriar acontecimentos do real. A cartografia indisciplinar, portanto, preocupa-se em produzir outras máquinas, produzindo novos acontecimentos do real.<sup>18</sup>

As tecnologias, os valores, os fluxos e os territórios são funções, ferramentas e dispositivos variados que se articulam para produção de outros mundos, a depender dos objetivos, constantemente repactuados, das ações de investigação, como, por exemplo: a) Parar um Grande Projeto Urbano? b) Impedir despejos violentos? c) Ocupar espaços públicos? d) Investigar e denunciar a transferência do patrimônio público para a esfera privada? e) Gerar processos constituintes para criar um parque na periferia? Todas essas ações acontecem por

---

<sup>16</sup> Evidente aqui a referência ao imaginário de Deleuze e Guattari sobre o método cartográfico. DELEUZE, G.; GUATTARI, F. (1996). *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 5 vol.. Rio de Janeiro: Editora 34.

<sup>17</sup> Guattari, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.

<sup>18</sup> Essa também a aposta de Perez Lama, defendendo a dimensão maquínica da cartografia, ao discutir suas experiências cartográficas nos projetos “wiki plazas”. Na forma como discute o autor: “Guattari escribe en ocasiones acerca de estas configuraciones máqunicas describiéndolas como cartografías, en tanto que disposición de elementos heterogéneos que se relacionan entre sí de un modo específico, para producir un cierto acontecimiento de lo real, un cierto mundo. Entonces, en una acepción amplia de la cartografía, una que hoy nos interesa especialmente investigar, hacer mapa significaría componer elementos heterogéneos, para constituir nuevas máquinas. En este sentido, por ejemplo, la idea de hacker como reconfigurador de máquinas complejas vuelve a ser una metáfora enormemente adecuada. (...) Las máquinas se componen en un permanente movimiento de ida y vuelta entre el caos y el orden temporal que las configura. Las máquinas guattarianas pueden y deben ser permanentemente reconfiguradas”. PEREZ DE LAMA, J. (2009) “La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma”. Cartografía y máquinas, releyendo a Deleuze y Guattari. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 121-145, set./dez., p. 40.

meio desses processos de investigação que se desenvolvem via procedimentos tecnopolíticos do Grupo, que combinam *ações de rua* – operada por dispositivos como os “aulões”, atos públicos, denúncias aos órgãos de fiscalização e controle, incidência política e participação em eventos acadêmicos, com *ações de rede* – construída por meio das ferramentas wiki, blog, fanpage, crowdmap somadas às estratégias gráficas de memes, cartilhas, pôsteres, diagramas, mapas e linhas do tempo.

Essa combinação de *rede e rua* vem se desenvolvendo em variados formatos (estéticos, técnicos, presenciais, de mídia), em diferentes tempos (acelerado, imediato, contínuo e lento), em plúrimos espaços (acadêmico, estatal, popular) e distintas escalas (local, regional, nacional e internacional), nas diferentes frentes de ação do Indisciplinar. Fruto de debates internos dos pesquisadores, analisando os movimentos de contração e alargamento dos diferentes tipos de atividades tecnopolíticas, que variam de acordo com as exigências do cotidiano da ação e da pesquisa, o Grupo tem vivido e experimentado essas multiplicidade de ações ora como *táticas*, ora como *estratégias*.

Essa diferença entre ações estratégicas e táticas dialoga com a proposta de Michel de Certeau<sup>19</sup>, que associa à primeira, a lógica do planejado, e à segunda, o espontaneísmo da ocasião. Táticas, que sem lugar próprio, sem visão globalizante, cega e perspicaz como se finca no corpo a corpo sem distância, comandada pelos acasos do tempo e é determinada pela ausência de poder, diferente da estratégia, que é organizada pelo postulado de um poder.<sup>20</sup> Se, segundo Certeau, a estratégia postula um lugar como próprio e constrói uma base para gestão de suas relações com a exterioridade, a tática só tem por lugar o do outro. Ela insinua, fragmentariamente, sem apreendê-lo por inteiro, sem poder retê-lo à distância.

Não dispõe de base para capitalizar os seus proveitos. Pelo fato de seu não-lugar, a tática depende do tempo, vigília à espera da oportunidade.<sup>21</sup>

Inventando método na medida em que se refazem as sendas, nossa atuação, principalmente em casos que envolvem emblemáticos conflitos socioterritoriais como o da Izidora, tem se pautado por *táticas nodulares* – ações imediatas de resistência e denúncia, fortalecendo “nós” – e, *estratégias enredadas* – ações mediatas de mapeamento, incidência política e qualificação de informações, fortalecendo linhas, tramas e enredos. Nossa aposta tem sido que esses diferentes meios de atuação podem potencializar as ações de rua e de rede, colaborativamente construídas e constantemente repactuadas com as resistências atuantes no território. Apresentaremos, num formato descritivo, essa experiência na cartografia da Izidora, para problematizarmos as potências e os desafios do método que vem sendo reinventado a cada dia.

### **3.1. Táticas nodulares: o ponto cego da Operação Urbana**

Cartografar processos de lutas territoriais marcados por graves violações de direitos, a partir do espaço da academia, é um desafio permanente aos limites e aos papéis dos investigadores. E, em não raros momentos, devido à estranheza e repulsa do tecnicismo acadêmico “observador” e “neutro” frente às pesquisas militantes, a legitimidade do Grupo como agente produtor de conhecimento é posta em crise – ora, trata-se de ativismo ou de saber científico? É, por exemplo, bastante comum que os pesquisadores quando estão nas

---

<sup>19</sup> CERTEAU, M (2003). *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes.

<sup>20</sup> CERTEAU, M (2003). p. 101.

<sup>21</sup> RENA, N. (2015). Cidade Inventada: táticas do cotidiano constituindo uma multidão de inventos. Disponível em: <http://blog.indisciplinar.com/artigos/> Acesso em maio de 2016.

assembleias dos movimentos sociais, sejam tratados como alguém de fora, externo, da academia, e portanto, com valor menor no contexto daquela luta naquele instante. Por outro lado, dentro da própria universidade, muitas vezes há um tom de desqualificação por parte de alguns pesquisadores mais tradicionais que acusam o Grupo de ativista e militante e, dessa forma, não produtor autorizado de saber científico. Esse não lugar conferido ao novo é histórico e, portanto, confere às equipes de trabalho uma série de questionamentos que forçam um registro constante das ações para que repetidamente possamos debater em espaços coletivos a formalização (mesmo que provisória) do método adotado.

Como mais um ator integrante da rede de resistência, o pesquisador engajado, em meio às urgências políticas e sociais do caso e às constantes repactuações com os parceiros, age num *tempo do eterno-agora*, pois o imediatismo das respostas pode garantir o estancamento das ameaças, e num *espaço sobreposto e heterogêneo*, uma vez que interessa agir nos lugares em que a rede, o estado, a universidade, a rua e o corpo se comunicam e emergem.

O momento do aqui-agora é o espaço-tempo concreto da *ação tática*; de práticas e ferramentas que, feito rompantes espontâneos do corpo que rejeita o elemento estranho, golpeia, com faro crítico *de ocasião* e com a maior força possível, os planos do “inimigo” (a ordem de despejo, a destruição de um parque, obras associadas à GPUs, leilões de bens públicos, atos de privatização da cidade, etc.). Essa combinação é capaz de construir ações potentes de resistência onde a velocidade dos processos aumenta exponencialmente, distorcendo as dimensões formais do “tempo do mercado” – o timing das trocas, do sujeito consumidor e do horário comercial –, e desviando das armadilhas do “espaço do Estado” – o processo judicial pró-proprietário, as audiências e as reuniões públicas teatrais. Essas táticas, inventando e/ou subvertendo, ainda que fugazmente, esses tempos e espaços hegemônicos, agem através e pelo meio (nas dobras), propondo ações diretas de negociação, campanhas e denúncias na rua e na rede, assembleias populares em espaços públicos, planos alternativos e ocupações temporárias de instituições.

Essas armas experimentais são táticas que, em movimentos de sístole ou contratação, direcionam, por mecanismos heterogêneos, as linhas e as tramas da rede de resistência para os nós com potência paralisante do estado de ameaça. A iminência do perigo exige *táticas nodulares (entre nós)*, ou seja, solicita ações que nutram mutuamente a inteligência de rua e rede para lidar com temas cuja oportunidade pode ser determinante para o estancamento imediato da situação de violação.

No caso específico do conflito socioterritorial da Izidora, as táticas nodulares do Indisciplinar agiram, sobretudo, para potencializar a denúncia de um Grande Projeto Urbano associado ao território das três ocupações ameaçadas de despejo – a Operação Urbana do Isidoro –, de forma que essa incidência política e jurídica repercutisse na paralisação da ordem de desocupação. Diversas combinações de ações e ferramentas de rua e de rede foram desenvolvidas, numa parceria com membros e apoiadores da rede Resiste Izidora, lideranças das comunidades afetadas, movimentos sociais populares (Brigadas Populares, Movimento de Lutas, Bairros e Favelas – MLB, Comissão Pastoral da Terra – CPT), grupos acadêmicos (Práxis-UFMG, Polos-UFMG, Escritório de Integração da PUC- MG) e outras organizações (Arquitetos Sem Fronteira – ASF, Coletivo Margarida Alves de Advocacia Popular), tendo o Indisciplinar assumido o protagonismo, pontual, de denunciar as irregularidades da Operação Urbana, durante o ano de 2015.

Desde o ano de 2014, primeiro grande momento de perigo a ameaçar de despejo as três ocupações Rosa Leão, Esperança e Vitória, que o Indisciplinar atua como colaborador da

rede Resiste Izidora. Nesse contexto, pesquisadores do Grupo, engajados nas campanhas e atos de rede e rua que envolveram ampla mobilização da sociedade civil, acamparam no território, em ações de vigília noturna e participaram das festas de arrecadação e apoio às famílias, e, ainda, contribuíram na construção de materiais gráficos que denunciavam a ameaça de graves violações de direitos no local.

Contudo, foi a partir de março de 2015 que as ações do Indisciplinar no conflito da Izidora se intensificaram, tendo o Grupo assumido forte papel na rede de resistência, atuando como um dos atores na Mesa de Negociação de Conflitos Fundiários, criada pelo estado de Minas Gerais.<sup>22</sup> Esse espaço formal de negociação, do ponto de vista do governo, voltava-se à pactuação da retirada das famílias do território para construção de um gigantesco empreendimento habitacional. Desde esse momento, as atividades dos investigadores do Grupo se concentram: (i) na participação nas reuniões públicas da Mesa de Negociação – sempre divulgadas por streaming – e nos encontros para elaboração do seu decreto regulamentador; (ii) nas conversas com os atores da rede Resiste Izidora para discussão e planejamento de ações conjuntas e (iii) na investigação e estudo do universo jurídico-urbanístico envolvendo o conflito, para além da discussão sobre a posse e propriedade dos terrenos em disputa.

Em junho de 2015, com a divulgação de um comunicado da Política Militar de que estava sendo montado um grande esquema policial para execução da ordem de despejo das três ocupações, as ações do Indisciplinar, num movimento de contração, direcionaram-se para denúncia ampla e mobilização popular sobre as irregularidades da Operação Urbana e o risco de que sua efetivação levasse a cabo a construção de um gigantesco gueto de pobres na região, às custas do despejo violento e irrazoável de milhares de famílias que ocupavam para fins de moradia. Numa construção simultânea de ações de rua e de rede, o Grupo ajudou a pautar a discussão pública sobre o conflito, trazendo à tona, de forma evidente, o perverso projeto urbanístico para região da Izidora, negociado entre os entes federados e grandes empreiteiras regionais, demonstrando, de forma tática, a associação entre a ilegalidade do despejo (pauta principal da rede de resistência) com o bilionário projeto repleto de irregularidades. Ou seja, o nó que poderia desatar a desocupação forçada era: o projeto urbanístico ilegal não pode justificar o despejo de famílias que ocupam para fins de moradia.

Como forma de construção de uma inteligência cartográfica *ex post facto*, agruparemos as táticas nodulares desenvolvidas pelo Grupo, neste trabalho, em dois grandes momentos: (i) “ações de denúncia” e (ii) “ações de mídia e comunicação”. Ambas as ocasiões táticas/momentos táticos são atravessadas pelos espaços das ruas e das redes, agindo num contínuo móvel e híbrido de dispositivos tecnopolíticos conjugados pelas ações de acusar, denunciar e comunicar.

As ações táticas de denúncia e de mídia e comunicação tiveram como elemento-chave comum do processo de acusação, denúncia e comunicação em ruas e rede, o documento técnico denominado “NOTA PÚBLICA DO GRUPO DE PESQUISA INDISCIPLINAR DA ESCOLA DE ARQUITETURA DA UFMG SOBRE AS IRREGULARIDADES JURÍDICAS DOS INSTRUMENTOS URBANÍSTICOS NO ISIDORO”. Esse documento foi produzido logo após o noticiamento público da ação policial de despejo e amplamente divulgado, em campanhas de comunicação e mobilização em rede, poucos dias após a publicização da ameaça. O objetivo era, como o primeiro

---

<sup>22</sup> Esse espaço institucional foi criado em decorrência de forte pressão dos movimentos sociais populares, tendo o atual governador do estado de Minas Gerais assumido esse compromisso em suas promessas de campanha em 2014.

parágrafo do texto anunciava, “*manifestar o repúdio do Indisciplinar ao desalojamento de milhares de famílias que vivem na área e, ainda, publicamente denunciar as ilegalidades dos instrumentos urbanísticos aplicados na região pela Prefeitura de Belo Horizonte à revelia da sociedade*”. A ação de despejo estaria, a partir daí, publicamente vinculada à execução de um projeto urbanístico ilegal e excludente.

A partir desse nó diversas atividades de rua e de rede se desenvolveram e, organizadas, diagramaticamente, podem ser apresentadas nas seguintes frentes:

#### ACÇÕES DE DENÚNCIA NA RUA:

- Divulgação e debate da Nota Técnica por meio do dispositivo Aulão Público, na Escola de Arquitetura da UFMG, que contou com ampla campanha de chamamento e convite.



**Figura 2:** Foto do Aulão Público e print da chamada do Indisciplinar no evento do Facebook, com divulgação de vídeo. **Fonte:** autoria própria.

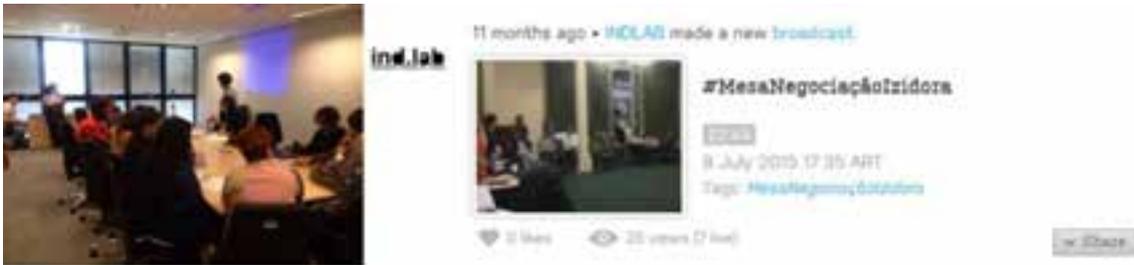
- Representação das ilegalidades da Operação Urbana junto ao Ministério Público estadual – Patrimônio Público e Habitação e Urbanismo.



**Figura 3:** Imagem da representação entregue com carimbo/assinatura. **Fonte:** autoria própria.

- Participação, para falar das ilegalidades do projeto urbanístico, em reuniões que criaram fato político para impedir o despejo, como a reunião no auditório da Defensoria Pública junto com parlamentares da base aliada do governador do estado e membros do Ministério Público e Defensoria Pública estaduais.

- Participação na Mesa de Negociação do conflito junto ao governo do estado e apresentação da Nota Técnica em reunião extraordinária no MinasCentro com presença de membros do governo federal e estadual, representantes da empresa responsável pelo empreendimento Granja Werneck, lideranças das três ocupações, movimentos sociais da rede Resiste Izidora, parceiros da universidade e organizações apoiadoras.



**Figura 4:** Foto da mesa de negociação e print do streaming realizado no dia da reunião extraordinária no Minas Centro. **Fonte:** autoria própria.

#### AÇÕES DE DENÚNCIA NA REDE:

- Produção da página específica no blog do Indisciplinar sobre Operações Urbanas, narrando sobre a emblematicidade do conflito da Izidora e divulgando todas as informações mapeadas pelo Grupo. No ápice da ameaça de despejo, quando ganha relevo a discussão da Operação Urbana, há elevado crescimento da consulta ao blog.



## Porque o conflito da Izidoro é emblemático?

o microcosmo da metrópole biopolítica

A região da Izidoro, localizada no vetor norte da capital mineira, é alvo de **emblemática disputa** entre a apropriação do território pelo Estado-capital, mediada pela lógica privatista, e outras formas de produção do espaço, realizadas por comunidades tradicionais ligadas ao **quilombo remanescente na área e ocupações urbanas de moradia**, cuja produção do espaço passa pela ordem do comum. Mediante a perversão de diversos instrumentos de política urbana, sancionada pelo mau uso da **Operação Urbana da Izidoro (OUI)**, evidencia-se claro patrocínio público para construção de um gueto de pobres na região, sem infraestrutura técnica e social adequada, financiado, principalmente, pelo Programa Minha Casa Minha Vida e a instalação de Vila de Paisagem para abrigar famílias remanescentes pelas obras no Anel Rodoviário.

Grandes obras e grandes projetos urbanos associados à manipulação perversa de instrumentos legais de política urbana que:

- (i) violam direitos de milhares de famílias que ocuparam a área para fins de moradia, atualmente ameaçadas de despejo;
- (ii) ameaçam a manutenção de comunidade quilombola remanescente na região e
- (iii) ameaçam a preservação de um dos maiores parques urbanos do mundo.

Dessa forma, por abrigar diferentes conflitos pela produção do espaço que trataram, grosso modo, a expropriação do comum pelo Estado-capital, a região da Izidoro representa um microcosmo da metrópole biopolítica englobando resistências desobedientes das arbitrariedades jurídico-políticas estatais, insurgências criativas e em rede que mobilizam diferentes agentes na luta contra o urbanismo neoliberal e experiências positivas de produção do comum nas ocupações da Roca Leão, Vitória e Esperança.

Para conhecer a rede de apoio #ResistênciaIzidoro e seus diversos agentes veja o [mapa da Resistência Izidoro](#).

Para entender mais sobre metrópole biopolítica, produção do comum e lutas territoriais veja o [gráfico "bits, fluxos e florestas"](#).



**Figura 5:** Print da página do blog de Operações Urbanas. **Fonte:** autoria própria/ouc.indisciplinar.com.

- Tradução gráfica das irregularidades da Operação Urbana em diagramas, gifs, e tabelas, de forma a ilustrar o Aulão Público e, ainda, o texto do blog.

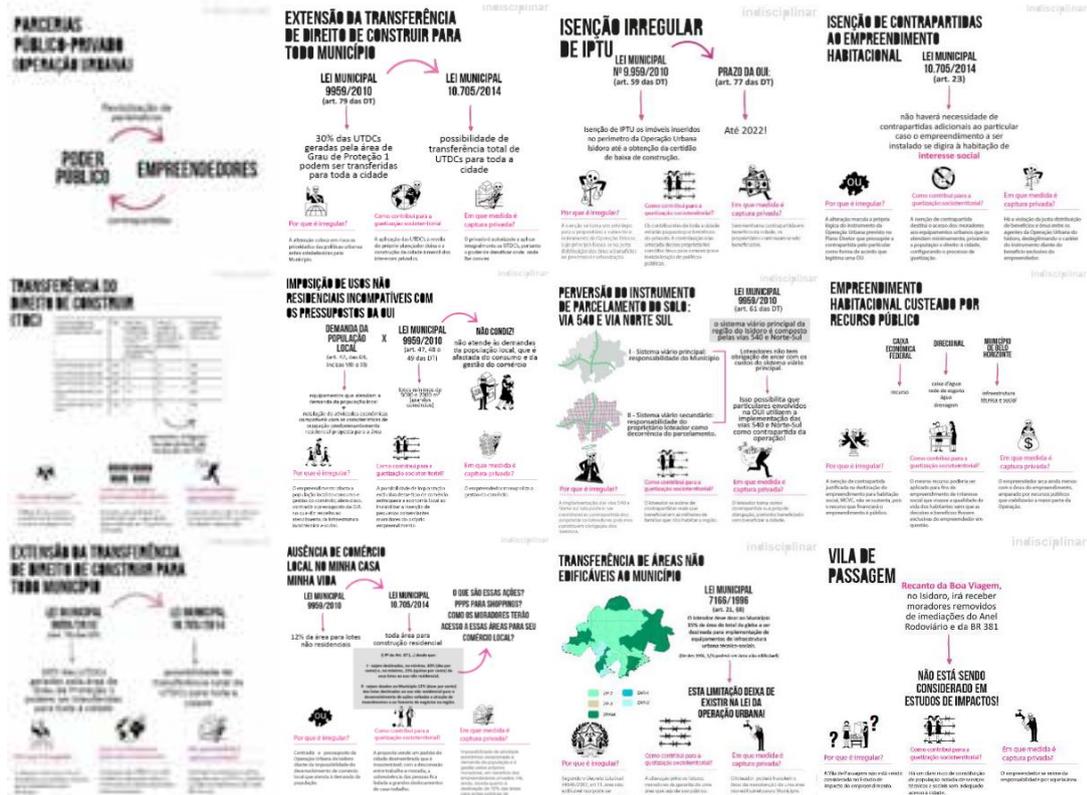


Figura 6: Slides utilizados no dia do Aulão Público, com os diagramas sobre as irregularidades da Operação Urbana do Isidoro. **Fonte:** autoria própria.

- Campanha de divulgação da Nota Técnica nas mídias sociais por meio da fanpage do Indisciplinar e da rede Resiste Izidora.



Figura 7: Print de post de divulgação da nota pública do Indisciplinar no Facebook. **Fonte:** autoria própria.

- Entrevistas em mídias regionais sobre o tema da Operação Urbana;



**Figura 8:** Reportagem sobre as irregularidades da Operação Urbana no Jornal O Tempo. **Fonte:** Jornal O Tempo.

#### AÇÕES DE MÍDIA E COMUNICAÇÃO NA RUA:

- Articulação da Rede Cidades UFMG sobre o conflito da Izidora e construção de uma Carta coletiva da Rede repudiando o despejo de forma associada à contrariedade do projeto de cidade levado a cabo pela Operação Urbana. A Carta foi entregue ao Reitor da UFMG.
- Redirecionamento da disciplina UNI009 para o tema da *cartografia da cultura das ocupações*, envolvendo visitas às três ocupações para conversa e mapeamento coletivo sobre os bens e ações culturais no território. O material produzido foi utilizado como fonte na Mesa de Negociação do conflito para dar visibilidade aos diferentes modos de vida existentes e, dessa forma, permitir o questionamento dos critérios unidimensional de cadastro das famílias para os programas habitacionais.



**Figura 9:** Foto da visita às ocupações. **Fonte:** autoria própria.

- Participação constante nos encontros do grupo de trabalho de comunicação da rede Resiste Izidora.
- Ocupação de mesa do IBDU no ENAMPUR, principal evento de Pesquisa e Planejamento Urbano do país, discutindo planejamento urbano e conflito, num hotel 5 estrelas, para denunciar o caso da Izidora



**Figura 10:** Print de divulgação das falas dos integrantes e parceiros do Indisciplinar via Facebook. **Fonte:** autoria própria.

## AÇÕES DE MÍDIA E COMUNICAÇÃO NA REDE:

- Colaboração contínua na manutenção das postagens na fanpage Resiste Izidora, construindo campanhas de divulgação das diversas irregularidades envolvendo o conflito territorial. Após a divulgação da Nota do Indisciplinar, enumerando 9 irregularidades a Rede criou, como tática, campanha de divulgação dos inúmeros problemas envolvendo a região, postando, constantemente, memes e documentos sobre as 31 irregularidades na Izidora.



**Figura 11:** Print de publicações da fanpage abordando as irregularidades. **Fonte:** autoria própria; fanpage da Rede Resiste Izidora.

- Campanha de divulgação da carta da rede cidades nas redes sociais, por meio da fanpage do Indisciplinar



**Figura 12:** Print post de divulgação da nota da Rede Cidades. **Fonte:** autoria própria.

- Produção de material gráfico sobre a cartografia da cultura nas três ocupações da Izidora retratando os diferentes modos de vida presentes no território.



**Figura 13:** Fotomontagem e meme que abordam os modos de vidas presentes nas ocupações.  
**Fonte:** autoria própria.

- Publicação na AU sobre a cartografia da cultura



**Figura 14:** Print da reportagem na revista AU sobre a cartografia da cultura. **Fonte:** autoria própria; site da revista AU.

Esse conjunto de ações táticas, construídas no espaço-tempo regido pela premência da ameaça de desocupação forçada, trouxe, ao menos, a convicção entre os parceiros da rede Resiste Izidora e moradores afetados de que para além da disputa fundiária envolvendo o conflito, há, em curso, claro projeto urbanístico levado a cabo pelo Município de Belo

Horizonte em parceria com grandes empresários, frontalmente irregular.<sup>23</sup> Tanto é assim que o Ministério Público de Patrimônio Público representou contra a inconstitucionalidade da lei que rege a operação urbana perante a Procuradoria Geral desta instituição, assim como o Ministério Público de Habitação e Urbanismo está estudando a apresentação de uma Ação Civil Pública também atacando a mesma operação urbana, com base no procedimento cível aberto pelo Indisciplinar. A denúncia desse projeto urbanístico perverso e excludente não foi a causa imediata da suspensão do despejo que, ainda hoje, mantém as três ocupações salvaguardadas por decisão jurisdicional provisória<sup>24</sup>, mas, a compreensão do caso nas suas entrelinhas, nos leva a conclusão que, a ampla divulgação e a repercussão das irregularidades da operação urbana nas ações de todos os membros da rede de resistência, contribuiu para abalar a legitimidade do projeto urbanístico hegemônico para a Izidora. E, atualmente, a possibilidade de questionamento judicial da operação urbana, bem como de outras irregularidades jurídicas envolvendo a genealogia proprietária da terra na região, são os principais pontos a manter aberta negociação entre os atores em conflito e garantir os direitos dos moradores das ocupações da Izidora.

### 3.2 Estratégias enredadas: mapeamento biopolítico de atores e ações do conflito

Os nós, sem as linhas, não se enredam e não se desatam. Há, no processo maquínico de cartografia indisciplinar, uma construção que também se desenvolve entre enredos, cuja potência de ação está na contação de estórias difíceis, não ditas, ou silenciadas – quais são os interesses políticos e econômicos por trás dos conflitos socioterritoriais? Quais são os instrumentos jurídicos que legitimam a atuação combinada entre Estado e capital? Quais os mecanismos de financiamento dessas parcerias? Como desmontá-la? E, ainda, como instituir algo novo a partir das insurgências? Esses questionamentos, bem como todas as inquietações próprias do pesquisar ativista aqui narrado, são atravessados, necessariamente, pela compreensão biopolítica da produção do espaço: o território urbano e os modos de existência que nele se desenvolvem, produzem e reproduzem a vida<sup>25</sup>, disciplinando, normalizando, instituindo o corpo, os bens comuns e as atividades intersubjetivas.

As *estratégias enredadas* dizem respeito aos dispositivos e ferramentas que, num movimento organizado de diástole e dilatação, recupera e refaz linhas, enredos e tramas relacionadas à frente de ação cartografada. Ao contrário das táticas nodulares, aqui os movimentos de enredar são planejados; o espraiamento estratégico das linhas da trama conflitual – quais são os atores, como eles agem, quais seus instrumentos, como se relacionam? –, está a serviço da construção de novos mundos que não apenas possibilitem o ataque ao inimigo – já que cartografia é arma –, mas também o antecipe, o reconheça e o exceda. E, por isso, o

---

<sup>23</sup> Em diversos momentos não houve acordo entre os atores da rede resiste izidora da conveniência de se apresentar o argumento da ilegalidade da Operação Urbana, como tática que reforçaria a suspensão do despejo. E, não foram poucas as vezes em que os parceiros da rede voltaram atrás e defenderam sua ampla denúncia e divulgação.

<sup>24</sup> Trata-se aqui da decisão em recurso ordinário em Mandando de Segurança no STJ que suspendeu o despejo tendo em vista o despreparo da PM em realizar a desocupação da área de forma a salvaguardar os direitos humanos no território. Para acessar a decisão:

[https://ww2.stj.jus.br/processo/revista/documento/mediado/?componente=ITA&sequencial=1442730&num\\_registro=201501067185&data=20151016&formato=PDF](https://ww2.stj.jus.br/processo/revista/documento/mediado/?componente=ITA&sequencial=1442730&num_registro=201501067185&data=20151016&formato=PDF)

<sup>25</sup> Como alertam Gabriel Giorgi e Fermín Rodríguez “la vida nombra un campo de conceptos y de prácticas no dominado por el hombre como categoría ordenadora de la experiencia. La vida se ha vuelto el más allá de la subjetividad, lo que viene a exceder los límites del sujeto individual, a arrancarlo del campo de la experiencia, a dislocar el campo de su conciencia, a vaciar su interioridad, a tensar violentamente su lenguaje, a reorganizar sus políticas, a reconfigurar sus modos de producción” (2007). *Ensayos sobre biopolítica*. Excesos de vida: Michel Foucault; Gilies Deleuze Slavoj Žizek; compilado por Fermín Rodríguez y Gabriel Giorgi. - I a ed. - Buenos Aires: Paidós, p.08.

atravessamento biopolítico, pois as estratégias de cartografia indisciplinar enredam as práticas normalizadoras do biopoder às ações biopotentes de resistência e alteração desse regime normativo.

A principal plataforma de mapeamento do Indisciplinar, Urbanismo Biopolítico (UB), associa um conjunto de ferramentas de rede: wiki, blog, fanpage e crowdmap. O crowdmap, nessa plataforma, funciona como um mapa online e colaborativo que permite o georreferenciamento de grandes projetos neoliberais ou das resistências biopotentes, com associação a um questionário online de coleta e organização de dados. Esse questionário constitui um guia para o mapeamento da economia política do grande projeto, seus mecanismos de financiamento e atores envolvidos, bem como investiga os processos de resistências a eles colocadas no território. O questionário é estruturado em seis blocos de perguntas que, em relação ao Urbanismo Neoliberal, investigam seus agentes envolvidos, mecanismos de parceria, ações relacionadas às políticas públicas realizadas pelo Estado e ações jurídicas, instrumentos e dispositivos jurídicos e de comunicação, custos e recursos e tipos de financiamento. Em relação ao Urbanismo Biopotente, as perguntas são estruturadas de forma que, ao mesmo tempo, seja feito um espelhamento com o que é investigado na outra categoria, e faça sentido com o que está sendo cartografado. Dessa forma, investigam os agentes apoiadores, a rede formada por eles, as ações no que diz respeito às políticas públicas auto-engendradas pelos moradores e ações jurídicas, os instrumentos jurídicos e de comunicação, os recursos e o financiamento, relacionado a instituições e/ou acordos comerciais.

No que diz respeito à cartografia do conflito da Izidora, as estratégias do Indisciplinar compõe duas dimensões principais de enredação: as ações de coleta de dados, sistematização de informações e organização documental na Plataforma UB, está combinada com a ação de pesquisa técnica aprofundada acerca do marco político e jurídico do conflito e às investigações em sede de pesquisa doutoral envolvendo as três autoras desse texto.<sup>26</sup> Esse alinhamento entre o mapeamento complexo e qualificado do conflito, com a pesquisa de doutorado, está construindo um conjunto de ferramentas sobre o tema que tem servido de suporte comparativo para atuação em conflitos semelhantes. É um processo de cartografia com elevado grau de replicação, tendo em vista a emblematicidade do conflito da Izidora e as inovações do método de investigação.

Além disso, esse processo de fortalecimento das linhas e das tramas continuam a contribuir em ações mediatas de resistência frente às ameaças de violações de direitos no território, tendo as atividades acadêmicas de participação em eventos científicos e a publicação em revistas especializadas, auxiliado na divulgação do caso e suas diversas histórias (disputa posse/propriedade, gigantesco empreendimento habitacional do MCMV, Grande Projeto Urbano de parceria público-privada, presença de comunidade tradicional de quilombo e regularização fundiária de milhares de famílias em áreas de grande relevância ambiental).

A partir das linhas que fogem do nó atrelado à Operação Urbana, diversas atividades de rua e de rede estão sendo desenvolvidas e, organizadas, diagramaticamente, podem ser apresentadas nas seguintes frentes:

---

<sup>26</sup> Julia Franzoni, autora, é doutoranda em Direito da UFMG e desenvolve sua pesquisa sobre o giro espacial no direito a partir da cartografia indisciplinar do conflito da Izidora. Essa investigação é co-orientada pela Profª Dra. Natacha Rena, coautora desse artigo e, ainda, conta com a participação de Daniela Faria, também coautora, como principal pesquisadora de graduação vinculada a essa frente de ação e pesquisa do Indisciplinar.

#### MAPEAMENTO DE ATORES E AÇÕES – AÇÕES DE RUA:

- reuniões com pessoas, organizações e movimentos sociais que fazem parte da Rede Resiste Izidora
- entrevistas e roda-de-conversa com atores-chave do conflito
- debate público do mapeamento com parceiros



**Figura 15:** Reunião com parceiros do LabCidade sobre o mapeamento dos atores e ações.

**Fonte:** autoria própria.

#### MAPEAMENTO DE ATORES E AÇÕES – AÇÕES DE REDE:

- constituição e sistematização de base de dados na wiki, em processo.
- produção de linha do tempo territorializada das ações do conflito, em processo.
- mapeamento dentro do crowdmap “urbanismo biopolítico”, respondendo ao questionário sobre o urbanismo neoliberal, em processo.



**Figura 16:** Sistematização dos dados mapeados em tabela excel e Wiki. **Fonte:** autoria própria.

#### ATIVIDADES ACADÊMICAS – AÇÕES DE RUA:

- apresentação em eventos acadêmicos:
- xvi encontro nacional anpur (enanpur)
- viii encontro brasileiro de direito urbanístico (ibdu)
- ii seminário de estética e crítica da arte (usp)
- seminário representaciones cartográficas de ciudades en la investigación (méxico)



**Figura 17:** Foto do evento realizado no México, em 2016, e capa da apresentação realizada no VIII Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico, em 2015. **Fonte:** autoria própria.

## MAPEAMENTO DE ATORES E AÇÕES – REDE:

- divulgação das palestras/apresentações no blog do Indisciplinar
- análise de topologia de rede da fanpage Resiste Izidora



**Figura 18:** Print do blog do Indisciplinar com a aba “publicações” aberta. **Fonte:** autoria própria.

As estratégias enredadas confirmam o compromisso cartográfico da pesquisa engajada em construir novos mundos na medida em que se investiga. E, dessa forma, são ações que também possibilitam, na medida em que se abrem as linhas e os enredos, revisitare ações táticas, refazer análises e qualificar o trabalho. As principais atividades desse processo ainda estão em curso e sua divulgação e debate têm servido para recriar os procedimentos do Indisciplinar em outras frentes e, ainda, inspirar a cartografia de outros conflitos por parceiros de nossa rede de investigação, bem inventar tecnologia para ações de resistência em outros territórios.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS: TRAMANDO TECNOLOGIAS DE LUTA

Os dois diagramas abaixo buscam recriar o que tem sido a combinação dos procedimentos tecnopolíticos de ações de rua e rede, e de seus atravessamentos nas práticas cartográficas associadas às táticas nodulares e as estratégias enredadas, no caso da cartografia indisciplinar da Izidora. O objetivo do esquema gráfico é permitir a materialização momentânea desse conjunto de dispositivos para configuração, mesmo que provisória, de um *mapa de ação* que permita, a todo momento, tornar disponível aos atores em rede conhecer as ferramentas e seus diferentes usos e, ainda, possibilitar seu debate e reconstrução pelos investigadores.



Figura 18: Diagrama das táticas nodulares. Fonte: autoria própria.



Figura 19: Diagrama das estratégias enredadas. Fonte: autoria própria.

Essas tecnologias-armas, percebidas por meio da experiência militante da pesquisa Indisciplinar na Izidora, são ferramentas de luta que, combinadas, tramam (orquestram e costuram) dispositivos que podem potencializar a transformação da realidade, com sentido de justiça espacial. Ainda que as múltiplas variantes e a ambiguidade dos elementos que configuram os conflitos sociais tornem difícil a avaliação do papel do pesquisador engajado na dinâmica da luta territorial, situar a investigação é um caminho que não deve ter mais volta, se o desejo de refazer e repensar a ciência for colocado pari passu ao desejo de radical transformação do método científico e do lugar do pesquisador frente aos problemas radicais do nosso cotidiano.

## REFERENCES

- CERTEAU, M (2003). *A invenção do cotidiano*. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2003.
- COSTA, G.; MAGALHÃES, F. (2011). “Processos socioespaciais nas metrópoles de países de industrialização periférica: reflexões sobre a produção do espaço metropolitano de Belo Horizonte”, Brasil. *Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais* v. 13, n. 1, p. 9-25.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia* 5 vol.. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.
- GUATTARI, F. (1992). *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34.
- OLIVEIRA, F (2008). *A economia brasileira: crítica da razão dualista e o ornitorrinco*. São Paulo: Boitempo.
- MARICATO, E. (2011). *O impasse da política urbana no Brasil*. Petrópolis: Vozes, p. 119.
- PEREZ DE LAMA, J. (2009). *La avispa y la orquídea hacen mapa en el seno de un rizoma*. Cartografía y máquinas, relejendo a Deleuze y Guattari. *Pro-Posições*, Campinas, v. 20, n. 3 (60), p. 121-145, set./dez.
- RENA, N. (2015). *Cidade Inventada: táticas do cotidiano constituindo uma multidão de inventos*. Disponível em: <http://blog.indisciplinar.com/artigos/>. Acesso em maio de 2016.
- RENA, N.; BERQUÓ, P.; CHAGAS, F. (2014). “Biopolíticas espaciais gentrificadoras e as resistências estéticas biopotentes”. *Lugar Comum* (UFRJ), v. 1, p. 71-88.
- RODRIGUEZ, F.; GIORGI, G. (2007). *Ensayos sobre biopolítica*. Excesos de vida: Michel Foucault; Gilés Deleuze Slavoj Zizek; compilado por Fermín Rodriguez y Gabriel Giorgi. - I a ed. - Buenos Aires: Paidós.
- TORET; J. (2015). @DATAANALISYS15M. “Tecnopolítica: la potencia de las multitudes conectadas”. *El sistema red 15M, un nuevo paradigma de la política distribuida*. IN3 Working Paper Series. Disponível em: < <http://in3wps.uoc.edu/index.php/in3-working-paper-series/article/view/1878>>. Acesso em: 10 Mai.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos ao apoio aos nossos programas e projetos; ao PRPq e ao PROEX da UFMG; à Fapemig; ao CNPq e à Capes. Agradecemos também a todos os pesquisadores do Indisciplinar que tornam todos os nossos trabalhos coletivos e estão presentes em nossas cartografias de múltiplos modos.